

# SABERES ARQUEOLÓGICOS NA ESCOLA PÚBLICA: AÇÕES EDUCATIVAS DO LABECA APLICADAS AO "PROJETO MINIMUS INTERSDICCIPLINAR"

*ARCHAEOLOGICAL KNOWLEDGE IN PUBLIC SCHOOLS: LABECA'S EDUCATIONAL ACTIONS APPLIED TO THE "MINIMUS INTERSDICCIPLINAR PROJECT"*

**Maria Cristina Nicolau Kormikiari<sup>1</sup>**  
**Felipe Perissato<sup>2</sup>**  
**Felipe Leonardo Ferreira<sup>3</sup>**

## Resumo

Com objetivo de aproximar o conhecimento produzido na universidade pública com a escola básica, o presente artigo apresenta uma experiência realizada na escola pública E.M.E.F. Des. Amorim Lima, São Paulo, SP, por pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca – MAE/USP). A experiência faz parte da aplicação do *Projeto Minimus Interdisciplinar* (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – FFLCH/USP) para o ensino de Arqueologia e História Antiga para o Ensino Fundamental II da rede pública.

**Palavras-chave:** Cultura material; Arqueologia; História Antiga; extroversão

## Abstract

In order to bring the knowledge produced at the public university to the basic education, this article presents an experiment carried out at the public elementary school E.M.E.F. Des. Amorim Lima, São Paulo, SP, by researchers from the Laboratory of Studies on the Ancient City (Labeca - MAE / USP). This experience is part of the *Minimus Interdisciplinary Project* (Department of Classical and Vernacular Letters - FFLCH / USP), which aims to teach Archeology and Ancient History in the public schools of São Paulo.

**Keywords:** Material culture; Archaeology; Ancient History; extroversion

## Introdução

O Labeca (Laboratório de estudos sobre a cidade antiga) foi criado em 2004<sup>4</sup> a partir dos estudos realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa CNPq "Cidade e território na Grécia Antiga: organização do espaço e sociedade", o qual, por sua vez, havia sido criado como decorrência de um curso de pós-graduação, de 2002, "Organização espacial e relações sociais", da grade do Programa de Pós-graduação

em História Econômica, do Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O primeiro coordenado e o segundo ministrado pela Profa. Maria Beatriz Borba Florenzano (MAE/USP).

Por que conto esta pequena história? Para demonstrar que os caminhos da pesquisa nas universidades são longos e, preferencialmente, devem envolver professores e alunos. Que foi o que aconteceu na base de criação do Labeca.

Nesses 15 anos de existência do Laboratório, sob a firme batuta de suas coordenadoras, professoras Maria Beatriz Borba Florenzano e Elaine Farias Veloso Hirata<sup>5</sup>, o laboratório tornou-se um reconhecido ambiente de pesquisa de excelência, o que muito nos orgulha.

Dezenas de colegas de universidades brasileiras e estrangeiras a nós já se associaram, seja para o desenvolvimento de pesquisas pontuais, seja na participação de nossos eventos; e temos, hoje, uma conta que ultrapassa a centena de jovens pesquisadores que desenvolveram seus trabalhos, nos mais diversos níveis (desde iniciações científicas até pós-doutoramentos), sob o guarda-chuva temático do laboratório; como também alunos de graduação que iniciam seus primeiros contatos com o mundo da pesquisa por meio de bolsas de estágio remunerado (PUB-USP).

Dois grandes projetos temáticos Fapesp (01/03/2006 a 30/04/2010 e 01/08/2010 a 31/10/2015), *Cidade e território na Grécia Antiga. Organização do espaço e sociedade* e *A organização da khóra: a cidade grega diante de sua hinterlândia*, ordenaram e ajudaram a organizar o laboratório nos seus primeiros 10 anos de existência. No momento, encerramos um terceiro ciclo de pesquisas com o projeto Fapesp *Processos de ocupação territorial e de definição de fronteiras: contato cultural no Mediterrâneo grego (sécs. IX – III a.C.)*. Quais são os interesses das pesquisas desenvolvidas no Labeca? O estudo das sociedades gregas no Mediterrâneo Antigo. Tema um tanto quanto vasto...

Na verdade, nosso intuito é o de investigar o mundo antigo por meio dos dados da cultura material advindos de escavações em sítios arqueológicos. Nos centramos em assentamentos gregos, seja do chamado continente grego (da Península Balcânica), seja da diáspora colonizadora<sup>6</sup> grega a oeste e leste da moderna Grécia. Assim, regiões como o Mar Negro; a Trácia; a Magna Grécia e a

Sicília se tornaram nosso foco. A estas regiões foram adicionadas o Norte da África, a Península Ibérica, a Sardenha e o sul da França.

Nestes locais, além de gregos, grupos como fenícios e cartagineses, eles também envolvidos em movimentos de expansão a partir de seus assentamentos de origem no Oriente e Norte da África, e os diversos grupos indígenas sicilianos e da Magna Grécia, da Sardenha e da Península Ibérica, com quem os 'estrangeiros' gregos e fenícios entraram em contato, igualmente fazem parte do escopo de muitas das pesquisas realizadas no Labeca. Esta é, de fato, uma das grandes questões acadêmicas de nosso tempo: os processos e resultados dos contatos culturais, econômicos, religiosos e políticos entre populações diversificadas.

Assim, os três grandes projetos mencionados acima se voltaram para:

criar instrumentos metodológicos que permitam chegar a uma compreensão aprofundada de como ocorrem as relações entre ambiente construído e sociedade na Grécia antiga. Em outras palavras, o nosso interesse é encontrar meios de interpretar os vestígios materiais relativos ao uso e à organização do espaço na Grécia antiga de sorte a aperfeiçoar o conhecimento já adquirido (através dos documentos materiais e textuais) a respeito das formas de organização social, política, econômica, ideológica da Grécia antiga. Partimos do princípio que o ambiente construído, por incorporar elementos dos sistemas sociais, político, econômico, ideológico, e de se constituir em um instrumento da comunicação humana, é um registro da história das sociedades, é um artefato histórico. Nosso foco, nesta pesquisa, será a cidade grega e seu território em épocas arcaica, clássica e helenística. (FLORENZANO, 2004, p.1)

e

Esta pesquisa tem por objetivo o estudo das formas de ocupação e uso da khóra grega entre os séculos VII e III a.C. Entendemos por khóra o território apenas aos núcleos urbanos das várias pólis gregas; a hinterlândia 'rural' controlada por uma pólis ou, ao menos, sujeita à expectativa de controle por parte de uma pólis. Fundamentados no interesse em formular uma conceituação mais abrangente da pólis, que permitisse uma melhor compreensão da sociedade grega, os estudos realizados no Labeca nos últimos quatro anos privilegiaram as formas de ligação entre ásty (centro mais densamente ocupado) e khóra: muralhas, portas, ruas de ligação, paralelismos entre as orientações de edificações em um e outro local. Foram também privilegiados os estudos mais aprofundados sobre a

malha urbana e a especialização dos espaços neste contexto, visto a maior disponibilidade de documentação sobre os centros urbanos, tradicionalmente mais escavados. Com este novo projeto pretendemos focalizar as muitas maneiras encontradas pelos gregos de ocupar o território de suas cidades e de marcar suas fronteiras com outros gregos e com não gregos. (FLORENZANO, 2010, p.1)

e, mais recentemente,

caracterizar processos de ocupação territorial e de definição de fronteiras no Mediterrâneo grego entre os séculos IX e III a.C., partindo de estudos setoriais na Sicília, na Península Itálica e em Creta. O nosso foco será dirigido mais precisamente para o relacionamento entre os diferentes grupos de helenos e entre estes e populações não gregas. Nossa contribuição partirá de alguns estudos de caso no Ocidente grego (Itália do Sul e Sicília) e em Creta, no Mediterrâneo oriental. Com este estudo pretende-se trazer uma contribuição à compreensão do papel desempenhado pelo contato cultural e pelo compartilhamento de traços culturais diversificados na formação da sociedade grega e na configuração de identidades no Mediterrâneo. Em última instância, pretende-se oferecer uma reflexão aprofundada sobre a natureza da sociedade grega em contexto mediterrânico, por um lado, compartimentada territorialmente em pequenos estados –as pólis- e, por outro, imbricada intensamente em relações múltiplas construídas em comum com as populações mediterrânicas. (FLORENZANO, 2018, p.1)

As inúmeras pesquisas associadas ao Labeca ligam-se, assim, aos grandes temas apontados acima, ou seja, são sustentadas conceitualmente pelos três projetos de pesquisa centrais do laboratório ao longo de sua trajetória. É preciso, neste sentido, tecer alguns comentários: os projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito do Labeca procuram se afastar do chamado atencentrismo, uma concentração de estudos sobre Atenas, a pólis para a qual dispomos do maior conjunto documental – textual e material. Ora, este desequilíbrio, historiograficamente, criou uma ideia generalizadora sobre o mundo grego, qual seja, a que Atenas seria um modelo válido de entendimento deste mundo. Acontece que Atenas configura-se, de fato, muito mais em uma exceção do que em regra! Assim, nossa intenção, no âmbito da academia brasileira, foi a de desconfigurar tal tendência trazendo à baila pesquisas sobre centros outros os mais variados. Como

exemplo podemos citar pesquisas como: *Redes de interação entre gregos e não gregos: os frúria da hinterlândia da Sicília grega* (LO MONACO, 2018); *A expansão urbanística de Siracusa nos séculos VI e V a.C.* (HORA, 2013); *As colunas de Hércules/Melqart no final da Idade do Bronze: O uso do SIG na compreensão da expansão fenícia em território tartésico a partir de Gádir (séculos IX ao VI a. C.)* (LIMA, 2018); *Corinto e Siracusa: organização do espaço e emergência da pólis no mundo grego* (VANIN, 2017); *Elêusis no Império Romano: monumentalização do santuário e o culto dos mistérios eleusinos no Período Antonino* (PERISSATO, 2018); *Os santuários nas apoikias do Ocidente: organização física e inserção de estruturas de culto no espaço* (REZENDE, 2013); *Khóra e ásty nas pólis gregas do Ocidente: o caso de Selinonte* (CUSTODIO, 2012); entre tantos outros casos.

Nossas linhas teóricas, no campo da Arqueologia, referem-se à Arqueologia do Ambiente Construído (cf. RAPOPORT, 1982; SMITH, 2003); Arqueologia do Contato (estudos das redes de interação; cf MALKIN, 2011; 2009); Arqueologia da Paisagem (KORMIKIARI, 2014) e, no campo da História, às correntes das Teorias Pós-Coloniais (cf. SAID, 1978; BHABHA, 1994; e na Arqueologia, VAN DOMMELEN, 2012)

Destas pesquisas, um conjunto significativo de produtos de extroversão dos conhecimentos e interpretações destas resultantes foram realizados:

Assim, em um primeiro momento, um grande Banco de Dados de imagens foi estabelecido com: mapas, plantas, vistas gerais e parciais, de vias, da paisagem, maquetes, objetos, como artefatos do cotidiano, moedas, esculturas, estatuárias, estruturas arquitetônicas, mobiliário urbano, epigrafia, entre outras. Neste, foram incluídas, ainda, fotografias de sítios arqueológicos e de estruturas produzidas pelos pesquisadores do projeto durante diversas viagens de campo, realizadas na Sicília, no Sul da Itália e na Grécia. Este banco de imagens (mais de dez mil) deu nascimento ao *Nausitoo* um banco aberto ao público pelo site do laboratório (mediante o preenchimento de um cadastro com fins de controle editorial). Nele, um mapa do Mediterrâneo se abre ao visitante, e cada cidade grega, púnica, indígena já sistematizada pela equipe do laboratório pode ser visitada por meio das imagens organizadas de acordo com sua conexão à organização espacial desta.

Um segundo Banco de Dados criado foi o de Termos (...), cujo objetivo foi o de estabelecer os correlativos em português de nomes gregos relacionados ao espaço, sistematização essa inexistente em nosso país.

No Labeca, criamos igualmente um grupo de trabalho voltado ao audiovisual, o qual tem se dedicado à produção de

videodocumentários de curta duração com caráter de divulgação didática.....

Hoje contamos com seis vídeos já produzidos: Siracusa, cidade antiga; Castelo Euríalo; Naxos e o planejamento urbano grego; Duomo de Siracusa; Pólis, viver na cidade antiga e O que é Arqueologia. Nos últimos dois anos, vimos também investindo na produção de maquetes virtuais, as quais podem ser acessadas no site do laboratório e que têm sido utilizadas em exposições museográficas. (KORMIKIARI e PORTO, 2019, p. 55-6)

Foi dentro do essencial espírito de extroversão e diálogo com a sociedade que o Labeca se engajou no *Projeto Minimus Interdisciplinar*, e é um pouco da história deste engajamento que viemos contar aqui.

## **1. A experiência prática**

### **1.1. O *Projeto Minimus Interdisciplinar***

O projeto *Minimus Interdisciplinar: Grego e Latim, Filosofia, História e Arqueologia da Antiguidade Clássica na Rede Pública do Ensino Fundamental e Médio* teve sua primeira formulação em 2013 com a introdução do ensino do latim e grego antigo, lecionados por estudantes de graduação e pós-graduação da USP, para o Ensino Fundamental da Rede Pública, cuja aplicação se deu na E.M.E.F. Des. Amorim Lima, localizada no bairro da Vila Indiana, Zona Oeste de São Paulo, sob coordenação da Profa. Dra. Paula da Cunha Corrêa, professora associada do Departamento de Letras Clássicas da FFLCH-USP. Nas palavras de Corrêa:

O “Projeto *Minimus*: Latim e Grego no Ensino Fundamental” começou efetivamente em fevereiro de 2013, após ser inscrito junto à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, que nos concedeu algumas bolsas de monitoria e verba para material. Portanto, vale ressaltar que, apesar da crise na USP, em 2013, contamos desde o início do projeto com o apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão e com a constante orientação do Prof. José Nicolau Gregorim Neto. De meados de 2013 a meados de 2014, obtivemos também seis bolsas da Fundação Onassis USA, para impulsionar o projeto. Mas nunca teríamos condições de realizar esse projeto sem o trabalho voluntário de alunos e docentes (2013, p. 94-95).

A escola E.M.E.F. Desembargador Amorim Lima se localiza na Rua Professor Vicente Peixoto, nº50, Vila Gomes, São Paulo. Seu modelo de funcionamento é baseado na Escola da Ponte de Portugal.

Com apoios externos e institucionais, a escola começou a desenvolver seu projeto em 2003. No projeto que se implantou desde então, a partir das primeiras séries, os alunos e alunas trabalham sobre o currículo escolar, estruturado em termos de conjuntos de roteiros de trabalho organizados em temas, de forma autônoma, com estudo e investigação individual ou coletiva, acompanhados por tutores, em um espaço físico denominado "salão" (para que este espaço existisse foi necessária a derrubada de algumas paredes), onde convivem estudantes de diferentes séries. (SOUZA; MENEZES, 2011, p.12)

Ressaltamos que a Amorim Lima está localizada próxima à Universidade São Paulo, o que facilita o desenvolvimento de projetos comuns, assim como a troca de conhecimentos entre alunos e professores de ambos os ambientes.

Escolas como a Amorim Lima são importantes para desmistificar a construção, bastante difundida pela grande mídia e o senso comum, de que escolas públicas são sucateadas, locais violentos e desorganizados. Sabemos que muitas realidades são deixadas ao descaso do poder público, infelizmente, mas há exceções que resistem e não são poucas. Outra concepção que a escola incentiva é a das diferentes formas de se estruturar uma instituição de ensino básico, que foge aos padrões conteudistas presos a provas e avaliações bimestrais ou trimestrais.

A dinâmica dos professores com os alunos, *a priori*, causa uma surpresa, eles evitam elevar a voz e pedir silêncio imperativamente. De acordo com a *Carta De Princípios De Convivência*<sup>7</sup> da escola, construída coletivamente, para pedir silêncio é necessário erguer a mão e reivindicar a fala. Leva um tempo para os alunos se adequarem a esse procedimento, nem sempre funciona tão bem, porém é uma forma menos verticalizada de convivência. Com o passar dos anos na escola os alunos tendem a ter mais facilidade em falar, expor suas ideias e ouvir os colegas e professores.

À primeira vista suscita estranheza, resultado de nossa educação marcadamente hierarquizada, mas esse tipo de experiência serve não só para propagar novas formas de ensino e postura nos alunos, como também fomenta uma

espécie de reconstrução nos hábitos dos próprios professores, muitas vezes formados sob outros moldes, e mesmo em nós mesmos que entramos em contato com novas práticas diferentes e mais democráticas.

Perfeita? Não. A ausência de um sinal ou uma regulação clara dos horários de saída e entrada em sala de aula acaba causando atrasos, alunos mais agitados circulando por outras salas, não raro atrapalhando outras turmas, contudo, os pontos positivos são maiores e substanciais para o aprimoramento do modelo ao invés de excluí-lo.

Voltando ao *Projeto Minimus*, ele fez tanto sucesso que as famílias dos alunos passaram a incentivar a iniciativa e a aproximação com a Universidade de São Paulo. A coordenadora do projeto decidiu por expandi-lo, incluindo outras disciplinas no projeto, como a “Filosofia” e a “História e Arqueologia da Antiguidade Clássica”. O mestre e doutorando Felipe Perissato foi indicado pela Profa. Dra. Maria Cristina Nicolau Kormikiari, sua orientadora e coordenadora do núcleo de Arqueologia, a participar do projeto para lecionar a recém-criada disciplina “História e Arqueologia da Antiguidade Clássica”. Ao fim do período de trabalho, Perissato comunicou ao, então mestrando Ferreira, sobre o projeto e fez toda a intermediação com as professoras responsáveis para não haver perda de continuidade da proposta.

Ferreira iniciou os trabalhos em agosto de 2019, no dia 14, e assumiu a responsabilidade de oferecer a disciplina a uma nova turma do 8º ano do ensino fundamental todas as quartas-feiras das 13 às 14 h, e, no período da manhã, das 10 às 12 h, colaborou como monitor do professor responsável pela disciplina de filosofia, Antônio Lessa Kerstenetzky, mestrando à época e hoje doutorando pela Universidade São Paulo.

## **2. Relato I: Felipe Perissato**

### **2.1. O pesquisador de pós-graduação retorna à escola: desafios e aproximações<sup>8</sup>**

Em novembro de 2018, o “Projeto Minimus Interdisciplinar: Grego e Latim, Filosofia, História e Arqueologia da Antiguidade Clássica na Rede Pública do Ensino



Fundamental e Médio” do programa de extensão universitária “Aprender na Comunidade” da Pró-Reitoria de Graduação da USP teve início na E.M.E.F. Des. Amorim Lima, localizada no bairro do Butantã, São Paulo-SP. Sob coordenação da Profa. Dra. Paula da Cunha Corrêa, professora associada do Departamento de Letras Clássicas da FFLCH-USP, o “Minimus Interdisciplinar” teve como objetivo expandir o projeto inicial de introdução do ensino das línguas clássicas (latim e grego antigo) em vigência desde 2013. O novo projeto passou a também incluir a Filosofia e a História e Arqueologia da Antiguidade Clássica para discentes dos últimos anos do Ensino Fundamental, contando com o apoio dos coordenadores Profa. Maria Cristina Nicolau Kormikiari e Prof. Roberto Bolzani Filho, do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP) e Departamento de Filosofia (FFLCH-USP) respectivamente.

Diante do desafio de planejar e lecionar a, recém-criada, disciplina “História e Arqueologia da Antiguidade Clássica” no contexto escolar, nos defrontamos com uma série de questões. Afinal, como adaptar as interpretações e discussões recentes sobre a materialidade e as sociedades antigas ao contexto escolar? Como aproximar um passado tão distante do cotidiano de adolescentes vindos de contextos sociais tão diferentes uns dos outros? E principalmente, qual grande contribuição a Arqueologia e os estudos sobre a cultura material podem deixar para uma formação escolar crítica e cidadã?

## **2.2. Concepção e estruturação da disciplina**

A princípio, o curso “História e Arqueologia da Antiguidade Clássica” foi pensado para, ao lado das monitorias de Filosofia, complementar os estudos de língua grega antiga e latina introduzidas aos alunos de 6º/7º e 4º anos respectivamente. Como complemento às atividades dos 8º Anos, o curso foi então organizado no formato de oficinas, cujas principais atividades se dividiram entre aulas expositivas, análise documental e discussão de temas a partir de textos, imagens e objetos.

A partir dos primeiros contatos foi possível perceber o diversificado repertório cultural e a incrível atitude questionadora dos discentes, o que motivou o planejamento de aulas no sentido de incentivar ainda mais o desenvolvimento de

suas habilidades críticas. Como pesquisador de pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, nosso trabalho com a disciplina se concentrou nas questões relacionadas à cultura material das sociedades antigas e contemporâneas. Assim, trabalhamos a sua mais ampla definição dentro dos estudos arqueológicos, na qual cultura material é tudo aquilo que as sociedades humanas modificam da natureza (de artefatos como vasos cerâmicos e pedras lascadas à domesticação de plantas/animais, alterações na natureza, construção de cidades, de estruturas, entre outros) (MENESES, 1983, p. 112). No entanto, mais do que ensinar a inestimável importância do legado dos povos pretéritos e a fundamental importância de sua materialidade, acreditamos que a disciplina poderia oferecer suporte ao desenvolvimento crítico dos estudantes. A inspiração para isso está em uma questão fundamental do trabalho arqueológico: a análise estratigráfica, isto é, um olhar descritivo e crítico às camadas de sedimentação da terra e seus artefatos relacionados, identificando padrões, temporalidades, informações e silêncios. Então, usando-a como metáfora o objetivo central foi estimular uma análise crítica do mundo por meio de suas camadas históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas. Nesse sentido, o saber arqueológico e seu olhar estratigráfico são um importante instrumento analítico para a formação crítica dos discentes em formação, aproximando-os da consciência diante da cadeia produtiva por trás dos artefatos e difundindo noções de diversidade e consciência histórica perante os povos que produzem sua cultura material. Além disso, convém mencionar que o diálogo com um público maior, sobretudo o escolar, é uma preocupação constante do Labeca desde a sua criação.<sup>9</sup> Segundo Tauhyl (2013),

Além do contato com os materiais produzidos pelo Laboratório, a divulgação do resultado das pesquisas de seus integrantes para o público escolar é, ao nosso ver, um dever da Universidade. Bem sabemos que os saberes que compõem o mundo da escola não são os mesmos produzidos pela academia. São várias instâncias de recriações. Contudo, o diálogo tem que existir, ainda mais quando se trata de temas cuja “revigoração” pode nos auxiliar no exercício da cidadania e

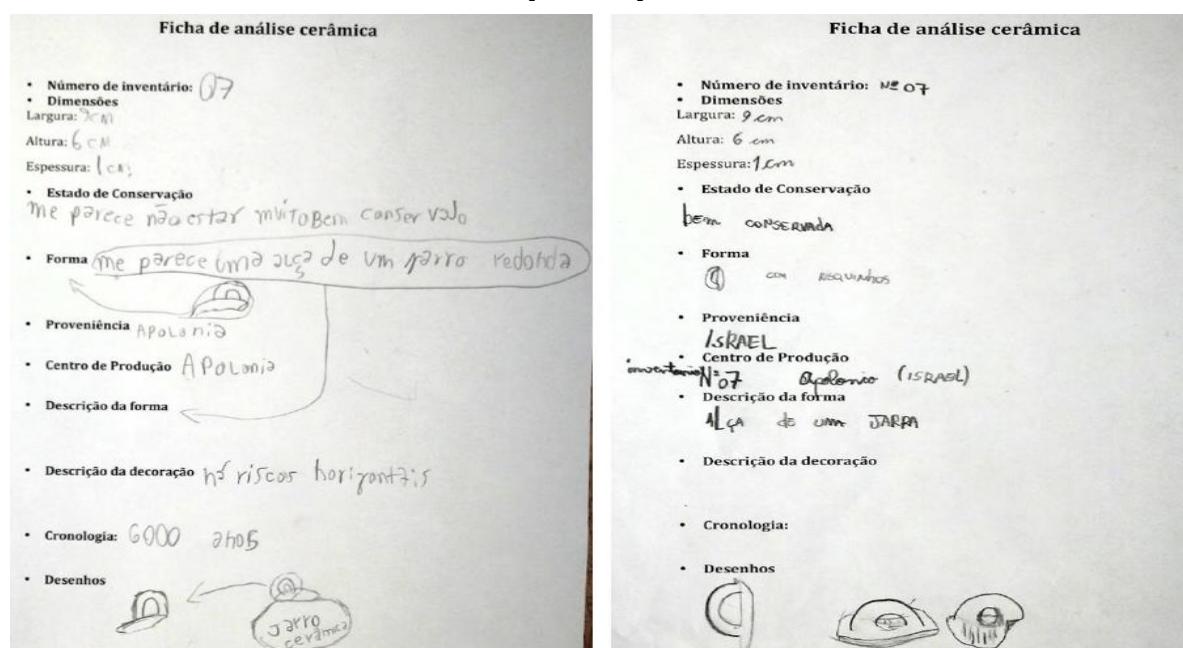
do trabalho com a diversidade no mundo de hoje (TAHUYL, 2013, p. 278).

Então, o curso de "História e Arqueologia da Antiguidade" foi desenvolvido a partir de três módulos compostos de aulas temáticas: 1) Cidade e Memória; 2) Fronteiras e Identidades/alteridades; 3) Diversidade e sociedade. No primeiro módulo, foram trabalhadas as ideias de cidade e suas temporalidades (sobretudo o papel da memória como construção social). Os temas trabalhados bem como os produtos criados pelo Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca-MAE-USP) foram fundamentais para a estruturação desta seção. O objetivo do módulo foi justamente discutir a cidade como um emaranhado de sobreposições correspondentes a fases distintas de sua história, suas contradições, suas escolhas e imposições, sua presença e seus silêncios, bem como a memória dos lugares e como estes elementos estão em constante diálogo com nossa vivência em sociedade. Assim, buscamos compreender o conceito de lugares de memória (NORA, 1993) e esboçar aproximações entre as sobreposições de estruturas e os lugares de memória da Acrópole de Atenas no século IV a.C. com a diversidade de memórias e significados do bairro da Liberdade em São Paulo, onde a memória do Brasil escravocrata resiste aos silêncios impostos pela urbanização moderna. Uma aula que foi realizada por meio da análise de mapas antigos, plantas baixas, discursos de atenienses e fotografia antigas e reportagens sobre o bairro da Liberdade.

Esse tema ainda foi complementado com a exibição do documentário "Siracusa: Leituras de uma Cidade Antiga", produzido pelo Labeca em 2009, em que uma série de depoimentos de pessoas que habitam a moderna Siracusa se mistura com excertos e informações arqueológicas da cidade antiga (HIRATA, 2009). O documentário suscitou ainda uma série de discussões sobre a construção social da memória ao reconhecermos a percepção que cada depoimento traz sobre a cidade e seu passado.<sup>10</sup> Por fim, os estudantes puderam apresentar suas percepções sobre o espaço e memória de sua cidade, seus bairros, suas ruas, no objetivo de exercitar o olhar crítico às formas urbanas e a construção individual e coletiva de significados e de memória sobre o espaço.

No segundo módulo o enfoque foi dado às noções de cultura e das fronteiras entre identidade e alteridade a partir de exemplos das sociedades antigas e contemporâneas. Nesse sentido, uma aula sobre as culturas em contato no Mediterrâneo Antigo foi desenvolvida a partir da análise de textos didáticos (GUARINELLO, 2013; FLORENZANO, HIRATA, FLEMING; 2001) e de imagens sobre figuras iconográficas, formas cerâmicas e outros tipos de suportes pertencentes a várias culturas mediterrânicas. O intuito foi apresentar a história antiga como uma história dos contatos e conexões entre os povos (entre objetos, técnicas e saberes) que podemos descobrir ao analisar a cultura material.<sup>11</sup> Além deste, uma aula foi desenvolvida para questionar “o que é dinheiro?” e como as culturas realizavam as trocas comerciais ao longo da História, desde as primeiras manifestações pré-monetárias até a invenção da moeda. O exercício ainda contou com a análise de peças numismáticas do kit didático, em que os estudantes puderam fazer descrições e análise da iconografia. Uma aula prática de destaque também foi aquela dedicada às cerâmicas e como as culturas do mundo inscrevem formas e representações distintas a este tipo de material. Os estudantes divididos em grupo puderam analisar e manusear os fragmentos do kit didático do Labeca e produzir fichas de análise.

**Figura 1 – Exemplos de fichas de análise cerâmica produzidas pelos estudantes (9º Ano).**



Fonte: Acervo pessoal, 2019

O último módulo, por sua vez, teve como objetivo explorar, em duas aulas, o tema das manifestações de poder e o tema da diversidade religiosa, respectivamente, a partir de exemplos das sociedades mediterrânicas e da sociedade brasileira. Nas aulas trabalhamos com um amplo leque de materiais, analisando com os alunos, mapas, imagens, objetos do kit educativo do MAE/USP, plantas baixas, maquetes virtuais, além da exibição de documentário, slides e textos (fontes primárias e secundárias). Nesse sentido, destaca-se a aula sobre diversidade religiosa, em que o caso de um festival pan-helênico durante o Período Romano foi apresentado e a discussão procurou aproximar, com as devidas ressalvas e evitando o anacronismo, com as festas populares do Brasil.

Vale afirmar que trabalhamos as aulas temáticas não somente a partir dos casos de sociedades clássicas como a grega e a romana, mas também por outras culturas mediterrânicas e do Brasil. O objetivo também foi diminuir o distanciamento entre nós e as culturas pretéritas, incentivando um olhar à Antiguidade como exemplos de alteridade. Além disso, o posicionamento com o conceito de cultura foi no sentido de apresentar uma definição mais fluida para superar modelos eurocêntricos ditos “civilizatórios” que estão enraizados no senso comum, sobretudo a respeito da história mediterrânica. Assim, analisamos gregos antigos e romanos com mesmo grau de importância que tupis-guaranis, paulistas do século XIX e outros povos da humanidade, ou seja, não exaltando a excepcionalidade dos primeiros em detrimento dos últimos, mas de maneira crítica à disponibilidade das fontes, às suas temporalidades e aos seus contextos históricos. Além disso, tivemos como norte o combate às visões essencialistas de cultura e de “superioridade ocidental” que foram tão fortes na tradição dos Estudos Clássicos durante o século passado. O argumento do curso foi o de difundir uma ideia de cultura enquanto construção social, isto é, em transformação a partir da interação dos povos, difundindo assim noções de diversidade e de consciência histórica perante as forças que há por trás do contato entre tais sociedades.

### **2.3. O saber arqueológico enquanto instrumento analítico**

Os resultados desta atividade foram positivos para os dois lados desta troca de experiências que é a Educação, embora muitos desafios e ajustes foram necessários ao longo da jornada. De maneira geral, os alunos foram participativos nas discussões, contribuindo com comentários a partir de seus repertórios culturais, demonstrando interesse e dedicação às atividades. Nas aulas, foi possível explorar o caráter interdisciplinar que constitui a Arqueologia, articulando questões da História, da Antropologia, das línguas clássicas, da Sociologia e até das Ciências da Natureza, dialogando com diversos assuntos da Base Nacional Comum Curricular. No entanto, o desafio de adaptar os temas mais relevantes e instigantes para a formação crítica dos discentes levou a duas dificuldades enfrentadas. Em primeiro lugar, muitas tentativas e erros nos levaram a repensar o uso da linguagem em sala de aula. Algo que pode ser explicado em parte por nossa inexperiência com o ensino escolar, em parte pela necessidade de ajuste entre a linguagem acadêmica e uma mais acessível que atinja o público discente. Outro desafio foi o de capturar a atenção dos jovens estudantes às abstrações por trás do mundo material, algo que foi resolvido com a exploração dos recursos audiovisuais, como os produtos digitais produzidos pelo Labeca e pelo LARP (Laboratório de Arqueologia Romano Provincial – MAE/USP), e por meio da análise dos materiais do kit didático do MAE-USP.

De nosso ponto de vista, a experiência foi absolutamente produtiva ao proporcionar uma série de reflexões sobre o caráter educativo da Arqueologia, sobretudo a respeito do alcance teórico da disciplina para a formação crítica dos estudantes. Além disso, foi uma oportunidade importante para o amadurecimento de nossas habilidades comunicativas e para a organização de conteúdos diversificados. Por último destaca-se a reflexão sobre uma linguagem adequada para a aproximação cada vez mais efetiva entre a pesquisa na universidade pública e a sociedade a partir da educação básica.

### 3. Relato II: Felipe Leonardo Ferreira

No segundo semestre de 2019 foi realizada a aplicação do curso de “História e Arqueologia da Antiguidade Clássica” para alunos do 8ºano do Ensino Fundamental. O professor Perissato dividira toda a sua experiência com a disciplina, tanto os materiais quanto as estratégias, o que dera certo e o que precisaria de ajustes, assim como a professora Hirata nos dera orientações valiosas sobre as estratégias didáticas mais interessantes para os discentes. Dessa forma estruturamos o curso de maneira que cada aula teria um momento teórico e outro prático, onde os alunos teriam que produzir algo, atuando ativamente no processo de aprendizado.

A primeira abordagem, após nossa apresentação pessoal, foi a utilização de um questionário exploratório e a realização de uma roda de conversa com os alunos. O objetivo dessa primeira investigação era conhecer as características gerais da turma, os nomes dos alunos, seus gostos em termos de disciplinas escolares, práticas de entretenimento e o conhecimento que já possuíam, mesmo que espontâneo e com estereótipos, sobre as práticas arqueológicas e o estudo do passado. Essa primeira prospecção nos permitiu refinar, alterar ou aprofundar certos tópicos elencados em nossa estrutura inicial do programa do semestre, assim como incluir outras atividades mais coerentes com o público.

Notamos que o contato com a tecnologia e as produções digitais já era intenso entre os discentes, todos possuíam celulares com internet, assistiam vídeos, filmes e séries com frequência, além da maioria gostar de jogos eletrônicos. A leitura não era um hábito muito frequente em seus depoimentos. A aproximação com o universo da Antiguidade se dava mediada por produções televisivas, *blockbusters* de cinema, os vídeos games e a cultura *pop* em geral. Poucos mencionaram livros de difusão.

Nas primeiras aulas abordamos a história da Arqueologia, com o que trabalha, seu desenvolvimento no Brasil, o papel dos museus, em especial o MAE - Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, assim como a possibilidade de usufruir desses espaços e diversos cursos oferecidos gratuitamente. Como a maioria residia nos arredores da Cidade Universitária a participação em atividades da instituição se via

facilitada. Seguimos para a desconstrução de certas ideias do senso comum, como a aproximação do arqueólogo com a personagem aventureira de Indiana Jones, no famoso filme de mesmo nome, a associação com o estudo dos dinossauros, busca por tesouros antigos e toda sorte de distorções e equívocos causados pela exploração midiática contemporânea. Como nos lembram Trigger, Kormikiari e Porto:

Arqueologia recebe sua certidão de nascimento durante o Renascimento, ou seja, entre os séculos XIV e XV, apesar de podermos identificar momentos de maior e de menor interesse humano sobre a materialidade passada desde a Antiguidade e mesmo na Idade Média, particularmente durante o “Renascimento Carolíngio” (TRIGGER, 2011, p.40-47).

Neste momento, isto é, nos inícios da Idade Moderna, disputas por poder, pela manutenção de posições secularmente estabelecidas de um lado, e pela abertura de espaço para novos grupos ascendentes de outro, particularmente entre a igreja, a nova classe emergente de comerciantes e artesãos citadinos (burgueses), e a nobreza, levaram a um redescobrimto do passado grego e romano, culturas outrora vicejantes nas terras setentrionais mediterrânicas, palco principal dos acontecimentos narrados aqui. Isto porque este passado foi utilizado (podemos dizer que o é até hoje...) como uma alavanca de diferenciação em uma luta virtual entre os grupos mencionados acima, em um jogo de ascensão de uns e queda de outros (KORMIKIARI e PORTO, 2019, p.47-48).

Apresentar a história da Arqueologia como uma construção que remonta ao Renascimento, toda sua relação com as estratégias de dominação das potências europeias de cada momento, o colonialismo, assim como as resistências, nos permitiu expor os mecanismos que operam de diferentes formas e intensidades até hoje.

O objetivo do programa foi de colocá-los em contato com as ferramentas analíticas da Arqueologia e da História no estudo do passado, para tanto usamos como recorte o mundo grego antigo, mas sempre articulando a possibilidade de aplicação em outros contextos, inclusive na atualidade.

Desde o fim do século XX, com a ascensão da internet e das mídias digitais, todas as pessoas, das mais excluídas do sistema de consumo capitalista até o topo



da pirâmide, estão expostas constantemente à propaganda do que é necessário possuir e comprar para ser feliz. Esse excesso de informação está em todos os lugares. Não se trata mais de abrir um jornal, uma revista ou presenciar um comercial de rádio ou televisão, agora estamos lidando com sofisticados algoritmos e *Big Data* que filtram e direcionam para nossas ações cotidianas toda sorte de anúncios relacionados com as buscas e interações com a rede mundial. Ao abrirmos um *e-mail*, um aplicativo, um site de vídeos ou notícias, lá estão espalhadas estrategicamente pela interface uma miríade de propagandas condensadas na linguagem e suporte da internet.

Um dos efeitos da avalanche informacional é a nossa desconexão com o mundo material e a dificuldade de manter a atenção em uma dada tarefa, tamanha é a requisição dela a todo instante. Isso se reflete, entre outras formas, na maneira como descrevemos os objetos e os fenômenos, ou melhor, na dificuldade de se fazer isso com mais rigor e profundidade. A ação de traduzir em texto as principais características de um artefato não é trivial, envolve escolhas do que e como registrar, para que outras pessoas, sem acesso ao objeto, consigam apreender esses dados com a menor perda possível na transmissão.

Segundo Hirata (1989):

A abordagem do artefato revela um potencial, enquanto fonte, que não se limita a um mero suporte material de informações. Ultrapassando o patamar interpretativo limitado pelo fornecimento dos dados intrínsecos à sua própria natureza, os artefatos habitam e compõem um universo sócio, constituindo uma linguagem simbólica extra-corpórea construída pelos homens através do processo de trabalho. Ao mesmo tempo que se caracterizam como resultantes concretas, de opções sociais e individuais, os objetos comunicam mensagens mesmo quando não são usados (Eco, 1987: 190) e, evidentemente, conotam uma ideologia historicamente determinada (ECO, 1987, p. 206-207 apud HIRATA *et al.*, 1989, p. 11-46).

O arqueólogo pela própria natureza de seu trabalho e objeto, a cultura material, tem a sua disposição uma série de caminhos para conduzir esta ação descritiva. Como forma de exemplificação efetuamos a descrição de um antigo relógio de ponteiros da década de 1930 e apenas por meio do artefato retiramos

uma série de informações, desde suas características materiais, de produção, circulação, uso, descarte e até ressignificação. Primeiro de forma livre, depois de maneira organizada fazendo uso de uma adaptação do Roteiro descritivo proposto no *Guia Temático para Professores – Grécia e Roma*<sup>12</sup>, elaborado pelo Educativo do MAE com base num trabalho de Durbin, Morris e Wilkinson (1990):

O modelo sugeria que elencássemos para os objetos uma série de características físicas (cor, cheiro, som), depois quanto a sua construção (manual, maquinofaturado), sua função e utilização, seu designe, seu valor nos dias atuais e possivelmente em seu contexto de produção. Além de observações gerais e comentários. Uma prática pedagógica decorrente desta visão da Arqueologia e de seu objeto de conhecimento particular - o artefato - pressupõe, como procedimento básico e direcionador, a sensibilização da criança em relação ao "universo dos objetos", à dimensão material da cultura construída pelos homens, suas linguagens, seus códigos e seu potencial enquanto via de acesso à intelegibilidade de sistemas sociais. Trata-se de uma verdadeira "iniciação", ou mesmo de uma "alfabetização" com vistas ao domínio da "leitura da forma", da compreensão do papel do objeto enquanto "fóssil do trabalho" (expressão continuamente usada por Andrea Carandini) e, ao mesmo tempo, explorando seu uso social como signo e símbolo, isto é, sua habilidade para representar em formas palpáveis diferenciações e emoções que são difíceis de colocar em palavras" (PEARCE, 1986, p. 131). (HIRATA *et al.*, 1989, p.13)

A ideia por trás do exercício foi de contribuir para a educação do olhar<sup>13</sup>, observar a cultura material como a corporificação de um trabalho, produzido em um contexto específico, com procedimentos, aquisição de matéria-prima, objetivos de uso, a possibilidade de reciclagem, a maneira correta de descarte e imbuída de vestígios das relações sociais daquela sociedade. Tudo isso perdemos de vista normalmente. Esse labor que modificou a matéria anterior transformando-a em algo novo tem uma agência, muitas vezes encanta o expectador, o sensibiliza de alguma forma, conscientemente ou não.

Gell procurou traduzir essa dinâmica por "encantamento da tecnologia", definindo como "o poder que o processo técnico tem de causar um efeito de sensibilidade sobre nós para que possamos ver o mundo real de forma encantada”



em resina de figurinhas diversas, desde foguetes até animais estilizados. A surpresa diante de algo que foge a experiência comum é a sensação que o pesquisador, muitas vezes, tem ao participar de uma escavação.

A primeira abordagem permitiu que os alunos descrevessem livremente os objetos. Em um segundo momento entregamos uma adaptação do Roteiro descritivo proposto no *Guia Temático para Professores – Grécia e Roma*, mencionado anteriormente. Ao longo da atividade evitamos direcionar os alunos, embora ficássemos atentos para tirar dúvidas, dar orientações e dicas. Muitos utilizaram o exemplo que apresentamos sobre o relógio antigo para realizar a tarefa. De modo geral a turma se saiu muito bem e com a prática poderão aperfeiçoar a habilidade descritiva, colaborando com outras disciplinas.

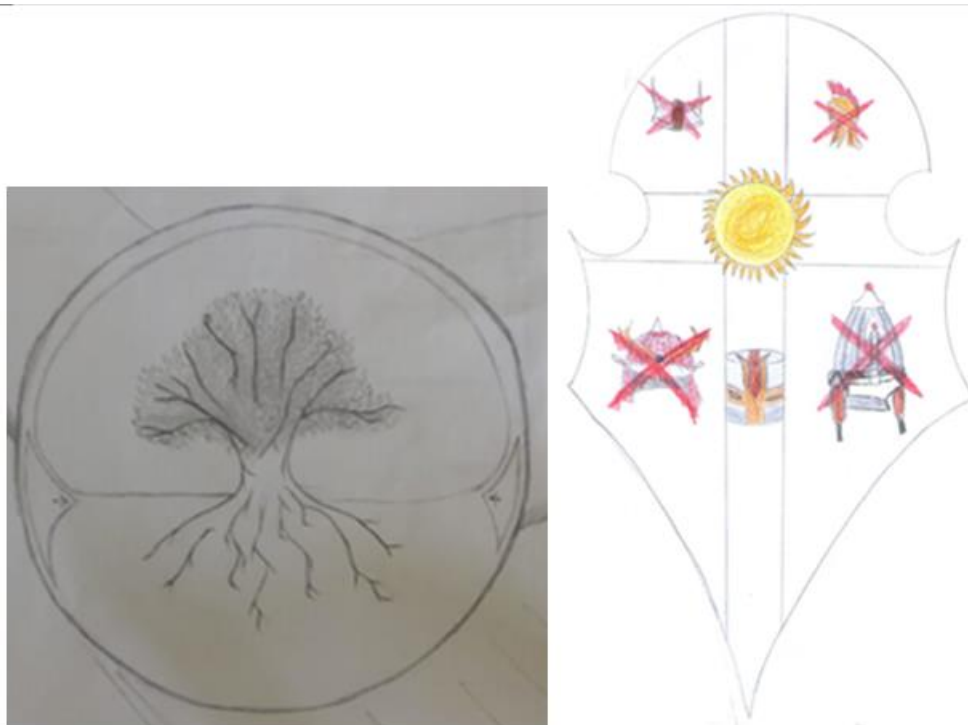
O estudo do mundo grego antigo pode e deve ser um rico manancial para trabalharmos temas como a diversidade dos povos. Mesmo dentro da cultura helena temos clivagens, por exemplo, étnicas, como jônios, eólios, dórios e aqueus. Cada comunidade poderia ter seu próprio deus políade, com traços relativamente diferente do panteão da tradição Homérica. A expansão grega, que ganhara força a partir do século VIII a.C., pontilhou o Mediterrâneo de fundações independentes e que mantinham intensa relação de trocas, conflitos e acordos com outras culturas. Todo esse caldeirão gerou uma produção material e cultural pujante, que a arqueologia e a história ajudam a vislumbrar.

No desenvolvimento de cada pólis esteve envolvido uma série de processos que variaram de lugar para lugar, no geral, as estruturas clânicas e familiares foram se modificando, conciliando ou se opondo na formação de uma comunidade. As formas de viver juntos traziam desafios de acomodação de conflitos, mas também vantagens defensivas, comerciais e de construção de grandes obras como templos, muralhas e portos.

Para trabalhar a questão da diversidade e da agência do aluno como produtor de conhecimento, oferecemos a possibilidade dos discentes criarem seus próprios escudos de “clã”, decorarem seus vasos e moedas, planejarem suas cidades e divindades protetoras. Fazendo uso do momento teórico da aula e a contribuição dos alunos como subsídio da tarefa. A ideia foi inspirada na experiência que o professor

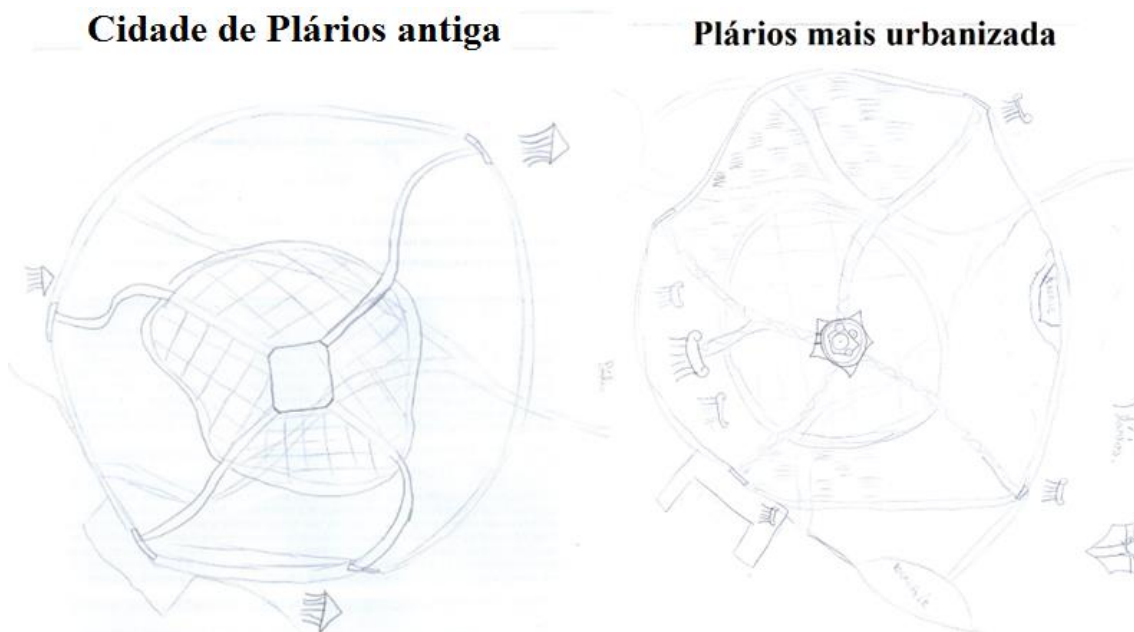
Guilherme Moerbeck (2018) realizou com seus alunos do Ensino Fundamental II, ao solicitar, entre outras coisas, que inventassem uma espécie de cosmogonia. Os resultados foram enriquecedores e o exercício de imaginação muito positivo, onde foi possível perceber não só a consciência histórica dos discentes, mas também o entrelaçamento entre o passado estudado e que serviu de inspiração e o presente de cada aluno, suas influências, preocupações e esperanças para o por vir.<sup>14</sup>

**Figura 3 – Exemplos de escudos desenhados pelos alunos (8º Ano).**



Fonte: Acervo pessoal, 2019

**Figura 4 – Planimetrias desenhadas pelos alunos (8º Ano).**



Fonte: Acervo pessoal, 2019

**Figura 5 – Moedas desenhadas pelos alunos (8º Ano).**



Fonte: Acervo pessoal, 2019

**Figura 6 – Vasos desenhados e decorados pelos alunos (8º Ano).**



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Além dessas atividades utilizamos muitos recursos do site do Labeca (Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga) como as imagens das maquetes de Selinonte e Olinto, a simulação na forma de uma espécie de jogo em 3D de como seria um porto grego, os vídeos sobre a Casa grega, o Templo e a Cidade. Tanto o Labeca quanto Larp (Laboratório de Arqueologia Romana Provincial) desenvolvem ferramentas e conhecimento para a construção de uma articulação entre o saber produzido no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, o acadêmico, e o aprendizado dos alunos do Ensino Básico (KORMIKIARI e PORTO, 2019, p. 52-65). Inclusive na continuidade das aulas no ano de 2020, já no contexto totalmente *online* em razão da pandemia, todo esse cabedal foi extremamente importante para a condução das aulas.

**Figura 7 – Maquete de Selinonte. MAE-USP.**



Fonte: Acervo pessoal, 2016



**Figura 8 – Maquete de Olinto. MAE-USP.**



Fonte: Acervo pessoal, 2016

## **Conclusão**

Operar a construção de um novo saber a partir do conhecimento produzido na Universidade é uma necessidade constante ao longo da prática docente. Sem esse esforço o ensino fica sujeito a estagnação, uma vez que se perde o dinamismo das novas descobertas, correções e refinamentos do conteúdo. A ausência de uma estratégia nessa alquimia pode gerar ruídos, lacunas e até descaracterizações daquilo que se quer fazer inteligível do mundo da Academia para o Ensino Básico.

O primeiro desafio pode ser enfrentado com a ligação do fluxo de trocas de experiências entre as Universidades e o Ensino Básico, como o exemplo do *Projeto Minimus Interdisciplinar*, a produção de material didático e treinamento docente realizado pelo Educativo do MAE e pelo Labeca.

O segundo ponto pode ser contornado com o diálogo entre os professores envolvidos, como ocorreu entre as docentes Kormikiari, Corrêa e Hirata da USP, os professores da escola Amorim Lima e os pós-graduandos Perissato, Kerstenetzky e

Ferreira. Essa dinâmica contribui para o entendimento do ambiente escolar, dos alunos de modo geral e de cada turma em específico, também as atividades que funcionaram bem e outras que precisariam de ajustes.

O processo de retroalimentação contribui para o aperfeiçoamento do planejamento de cada programa de curso, permitindo a formação de um verdadeiro acervo de vivências acumuladas e a disposição dos envolvidos com o circuito de ensino.

A ponte entre a Universidade e o Ensino Básico precisa ser consolidada, os benefícios são mútuos e a educação brasileira só tem a ganhar. Tanto melhor será quanto mais internalizado como política pública for. Respeitando sempre a autonomia que pede a diversidade de realidades e projetos, mas assegurando todo o apoio institucional, insumos e condições de trabalho aos envolvidos.

## Referências Bibliográficas

### Sites consultados

LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE A CIDADE ANTIGA. Disponível em: <<http://labeca.mae.usp.br/>>

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA. Disponível em <<http://mae.usp.br/materiais-de-apoio/>>

PORTAL NOVA ESCOLA. Disponível em < <https://novaescola.org.br/plano-de-aula>>

### Documentários

SIRACUSA: Leituras sobre uma cidade antiga. Direção Silvio Luiz Cordeiro. São Paulo: Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) – MAE-USP, 2009. 1 Formato HDV / NTSC (25 min.).

### Referências Gerais

BECELLI, Regina Helena Rezende. **Os santuários nas apoikias do Ocidente: organização física e inserção de estruturas de culto no espaço**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-08082013-164314/pt-br.php>

BHABHA, Homi. **The Location of Culture**. Nova Iorque, Routledge, 1994.

CORRÊA, Paula da Cunha; ANDERSON, Silvia M. Galvão; LEME, Fernando Gorab; OLIVEIRA, Leonardo T.. O Projeto Minimus: Latim e Grego no Ensino Fundamental. In: **Phaos** (UNICAMP), v. 13, 2015, p. 93-117.

CUSTODIO, Christiane Teodoro. **A pólis como 'coisa': relações entre a materialidade da cidade, instituições e práticas aristocráticas no Mediterrâneo Ocidental Arcaico (1000-600 a.C.)**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-07072017-164153/pt-br.php>

DURBIN, Gail, MORRIS, Susan. WILKINSON, Sue. **A teacher's guide to learning from objects**. s.l. English Heritage, 1990.

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. Introdução à pesquisa semiológica. São Paulo, Perspectiva, 1987.

ESPOSITO, Arianna. Diáspora, colônia: desafios e questões de um léxico. In: **Dossiê Mobilidades, Contatos E Colonização Na Antiguidade Grega / Mobilities, Contacts And Colonization In The Ancient Greece**. v.15, nº29. Pelotas: Editora da UFPel, 2018, p. 72-75. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/issue/view/742/showToc>. Acessado em outubro de 2020.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba; HIRATA, Elaine Farias Veloso; FLEMING, Maria Isabel D'Agostino. **Formas de Humanidade: Guia para professores**. Vols. I: Mediterrâneo. Grécia e Roma. Museu de Arqueologia e Etnologia, 2001. Disponível no próprio site do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. <http://mae.usp.br/materiais-de-apoio/>

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. **Cidade e território na Grécia Antiga. Organização do espaço e sociedade**. Projeto de Pesquisa Temático. FAPESP. 2009. Disponível em: [http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/olabeca/projeto\\_labeca.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/olabeca/projeto_labeca.pdf)

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. **A organização da khóra: a cidade grega diante da sua hinterlândia**. Projeto de Pesquisa Temático. FAPESP. 2010. Disponível em: [http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/olabeca/projeto\\_2010\\_labeca.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/olabeca/projeto_2010_labeca.pdf)

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. **Processos de ocupação territorial e de definições de fronteiras: contato cultural no Mediterrâneo grego (sécs. IX-III a.C.)**. Projeto de Pesquisa. FAPESP. 2018. Disponível em: [http://labeca.mae.usp.br/media/filer\\_public/d3/31/d331b6ea-cff3-4466-ba98-698d8319ba71/fapesp\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_final\\_2018.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/filer_public/d3/31/d331b6ea-cff3-4466-ba98-698d8319ba71/fapesp_projeto_de_pesquisa_final_2018.pdf)

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. **A Cidade Grega Antiga em imagens: um glossário ilustrado**. Labeca. Laboratório de Estudos sobre a Cidade antiga. Museu de Arqueologia e Etnologia: FAPESP, 2015. Disponível em [https://www.academia.edu/28967201/A\\_cidade\\_grega\\_antiga\\_em\\_imagens\\_um\\_gloss%C3%A1rio\\_ilustrado](https://www.academia.edu/28967201/A_cidade_grega_antiga_em_imagens_um_gloss%C3%A1rio_ilustrado)

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba; CORDEIRO, Silvio Luiz. **Siracusa: Leituras de uma Cidade Antiga**. Labeca. Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga. MAE: Fapesp, 2009.

GATES, Charles. **Ancient Cities: The Archaeology of Urban Life in the Ancient Near East and Egypt, Greece, and Rome**. London: Routledge, 2003.

GELL, Alfred. The technology of enchantment and the enchantment of technology. *In: COOTE, Jeremy; SHELDON, Anthony. Anthropology, Art and Aesthetics*. Oxford: Clarendon, 1992, p. 40-63.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

HIRATA, Elaine Farias Veloso; PEIXOTO, Denise C. Carminatti; DEMARTINI, Célia Maria Cristina; ELAZARI, Judith Mader. Arqueologia, Educação e Museu: o objeto enquanto instrumentalização do conhecimento. **Dédalo**, v. 27, 1989, p. 11-46.

HORA, Juliana Figueira da. **A expansão urbanística de Siracusa nos séculos VI e V a.C.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-16042013-144439/pt-br.php>

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. Arqueologia da Paisagem. São Paulo, Labeca / MAE-USP, 2014. Disponível em: [http://labeca.mae.usp.br/media/filer\\_public/2014/07/16/kormikiari\\_arqueologia\\_paisagem.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/filer_public/2014/07/16/kormikiari_arqueologia_paisagem.pdf)

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau; PORTO, Vagner Carvalheiro. Arqueologia como instrumento de aproximação aluno-Mundo Antigo: para além de uma visão eurocêntrica. **Revista Transversos**, v. 16, 2019, p. 45-69. Disponível em <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/44732/30354>

LO MONACO, Viviana. **Redes de interação entre gregos e não gregos: os fráguas da hinterlândia da Sicília grega**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-23112018-093434/pt-br.php>

LIMA, Rodrigo Araujo de. **As colunas de Hércules/Melqart no final da Idade do Bronze: O uso do SIG na compreensão da expansão fenícia em território tartésico a partir de Gádir (séculos IX ao VI a. C.)**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-23102018-180447/pt-br.php>

MALKIN, I. et *alii* (eds.) **Greek and Roman Networks in the Mediterranean**. Routledge, 2009.

MALKIN, I. **A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean**. Greeks Overseas. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, n. 115, 1983, p. 103-117.

MOERBECK, Guilherme Gomes. História Antiga no ensino fundamental: Um estudo sobre a os mitos gregos antigos e a consciência histórica. **Revista História Hoje**, v. 7, 2018, p. 225-247. Disponível em <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/418/268>

MOURA, Cleberson Henrique de; KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau; DURÃES, Fabíola Alice dos Anjos. O documentário "Pólis: viver na cidade antiga" Uma confluência entre comunicação e educação no âmbito dos museus. **SCIAS Educação, Comunicação e Tecnologia**, v. 2, 2020, p. 39-55. Disponível em [https://www.academia.edu/43752969/O\\_documentario\\_P%C3%93LIS\\_Viver\\_na\\_cidade\\_antiga\\_Moura\\_C\\_Kormikiari\\_M\\_C\\_N\\_Dur%C3%A3es\\_F](https://www.academia.edu/43752969/O_documentario_P%C3%93LIS_Viver_na_cidade_antiga_Moura_C_Kormikiari_M_C_N_Dur%C3%A3es_F)

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, 1993, p. 7-28. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>

PEARCE, S.M. "Objects as signs and symbols". **Museums Journal**, 86(3), 1986, p.131-135.

PERISSATO, Felipe. **Elêusis no Império Romano: monumentalização do santuário e o culto dos mistérios eleusinos no Período Antonino**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-07112018-154556/pt-br.php>

RAPOPORT, A. **The meaning of built environment: a non verbal communication approach**. University of Arizona Press, 1982.

SAID, Edward. **Orientalismo**. Companhia do Bolso, 2007 (1978).

SOUZA FILHO, José Osvaldo Xavier de.; MENEZES, Luis Carlos de. **Ensino de Ciências e a Emancipação de Sujeitos em Espaços de Resistência em Educação**. 2012.

SMITH, A. T. **The Political Landscape: Constellations of Authority on Early Complex Polities**. Berkeley, University of California Press, 2003.

TAUHYL, Ana Paula Moreli. **Alfabetização do olhar: aprender pelos objetos e suas representações**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de

São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-25112013-152550/pt-br.php>

TRIGGER, B. G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2011.

VAN DOMMELEN, Peter. Colonialism and Migration in the Ancient Mediterranean. **Annual Review of Anthropology**, vol. 41, 2012, pp.393-409.

VANIN, Marcos Atilio Vaczi. **Corinto e Siracusa: organização do espaço e emergência da pólis no mundo grego**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-05042018-093730/pt-br.php>

---

<sup>1</sup> Docente em Arqueologia do Mediterrâneo Antigo no Museu de Arqueologia e Etnologia/USP; coordenadora do Labeca (Laboratório de estudos sobre a cidade antiga), MAE/USP. Contato: [tanit@usp.br](mailto:tanit@usp.br)

<sup>2</sup> Mestre em Arqueologia pelo MAE-USP. Bacharel em História pela FFLCH-USP. Atualmente é doutorando pelo Museu de Arqueologia e Etnologia - USP e pelo Max-Weber-Kolleg für kultur- und sozialwissenschaftliche Studien der Universität Erfurt (Erfurt, Alemanha). É membro do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) do MAE-USP e participa do grupo de pesquisa IGS “Resonant Self-World Relations in Ancient and Modern socio-religious practices” do MWK/Uni-Erfurt. É bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Contato: [felipe.perissato@usp.br](mailto:felipe.perissato@usp.br) / [felipe.perissato@uni-erfurt.de](mailto:felipe.perissato@uni-erfurt.de)

<sup>3</sup> Mestre em Arqueologia pelo MAE-USP. Graduado em Bacharelado e Licenciatura em História pela FFLCH-USP. Membro do Labeca - Laboratório de Estudos sobre a cidade antiga - MAE- USP. Possui um canal no Youtube para difusão do conhecimento: *Gabinete do Tempo*. Atualmente pesquisa a distribuição dos espaços sagrados de Atena e de Deméter em sítios da Sicília antiga entre os séculos VIII e V a.C. Contato: [felipe.leonardo.ferreira@usp.br](mailto:felipe.leonardo.ferreira@usp.br)

<sup>4</sup> O primeiro projeto temático foi submetido à FAPESP no final de 2004 e aprovado em 2006. O ano de 2004 foi essencial, pois passamos o ano inteiro em seminários e discussões para elaboração do referido projeto.

<sup>5</sup> Minha trajetória pessoal no MAE inicia-se como estagiária da área Mediterrâneo e Médio Oriental, segue como aluna de pós-graduação (Fapesp e CNPq) e, já com o Labeca estabelecido, pós-doutoranda Fapesp, bolsista TT Fapesp, colega docente de Beatriz e Elaine e, hoje em dia, coordenadora do laboratório.

<sup>6</sup> Esta é uma questão bastante espinhosa. Nos últimos 40 anos, muita tinta tem sido vertida para se procurar contextualizar e entender melhor os diversos processos de movimentação ocorridos ao longo da Antiguidade pelo Mediterrâneo: colonização; diáspora; expansão territorial? Sobre o tema ver ESPOSITO, Arianna. Diáspora, colônia: desafios e questões de um léxico. In: *Dossiê Mobilidades, Contatos E Colonização Na Antiguidade Grega / Mobilities, Contacts And Colonization In The Ancient Greece*, v.15, nº29. Pelotas: Editora da UFPel, 2018a, p. 72-75. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/issue/view/742/showToc>. Acessado em outubro de 2020.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://amorimlima.org.br/2011/09/carta-de-principios/>. Acesso em 30 de novembro de 2020.

<sup>8</sup> Uma experiência relatada a partir da participação de Felipe Perissato no “Projeto Minimus Interdisciplinar” na E.M.E.F. Des. Amorim Lima no período entre novembro de 2018 e maio de 2019 com bolsa do programa de extensão universitário “Aprender na Comunidade” da Pró-Reitoria de

---

Graduação da Universidade de São Paulo, com ciência e autorização da FAPESP por meio da Portaria PR No. 05/2012.

<sup>9</sup> Nesse sentido, uma série de intervenções e produção de materiais digitais para fins didáticos foram desenvolvidos pelo Labeca. Ver Kormikiari, Porto, 2019; Moura et al., 2020.

<sup>10</sup> Atividade que foi desenvolvida com o auxílio do guia "Siracusa: leituras de uma cidade antiga" (HIRATA, 2009).

<sup>11</sup> Vale destacar que o desenvolvimento desta aula contou com o apoio do material desenvolvido pelo Portal Nova Escola. Disponível em <<https://novaescola.org.br/plano-de-aula>> 23 de novembro de 2020.

<sup>12</sup> Disponível no próprio site do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. <http://mae.usp.br/materiais-de-apoio/> Acessado em 31/10/2020.

<sup>13</sup> Para exemplos do uso e aprofundamento do conceito ver TAUHYL, Ana Paula Moreli. *Alfabetização do olhar: aprender pelos objetos e suas representações*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013 (Dissertação de mestrado).

<sup>14</sup> Para mais sobre a atividade ver MOERBECK, Guilherme Gomes. História Antiga no ensino fundamental: Um estudo sobre a os mitos gregos antigos e a consciência histórica. *Revista História Hoje*, v. 7, 2018, p. 225-247.